A IDENTIDADE CULTURAL DO PERSONAGEM JARI EM *APENAS UM CURUMIM* [1]

HORIONY, José Meireles da Silva.[2]

RESUMO: O presente artigo apresenta uma análise sobre a identidade cultural do personagem Jari na obra *Apenas um curumim* (1979) de Werner Zotz. Nesta análise será apresentada uma abordagem pós-moderna do personagem Jari, o curumim, mostrando a formação de sua identidade, bem como a constituição de uma nova cultura. Assim, fazemos uma apresentação do autor e da obra analisada. Em seguida, para o desenvolvimento desse trabalho, realizamos uma abordagem bibliográfica de diferentes autores que teorizam sobre a temática em questão, tendo como referencial principal *A identidade cultural na pós-modernidade* de Stuart Hall (2006) e também o conceito de cultura conforme os Estudos Culturais.

Palavras-chave: Identidade Cultural, Pós-Modernidade, *Apenas um curumim*.

ABSTRACT: This paper presents an analysis of the cultural identity of the character Jari from *Apenas um curumim* (1979) by Werner Zotz. In this analysis it is presented a postmodern approach to the character Jari, known as curumim, showing the formation of his identity, and the creation of a new culture. Next, we present the author's career and. Then, we revise the critical theory by different authors who theorize about identity and culture, concentrating on the work *Cultural Identity in Postmodernity* (2006) by Stuart Hall and also on the concept of culture as formulated by Cultural Studies.

Key-words: Cultural Identity, Post modernity, *Apenas um curumim*.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma análise sobre a questão da identidade cultural do personagem Jari em *Apenas um curumim* (1979), do autor catarinense Werner Zotz. Tal análise passa pela reflexão sobre o indivíduo na pós-modernidade, em sua busca do Eu perdido ou do Eu desconhecido, incluindo seus conflitos e seus desejos para constituir uma nova identificação, partindo das raízes culturais de seu povo, ou seja, dentro de um pensamento com o velho (passado) e o contemporâneo (novo).

---

[1] Artigo desenvolvido como requisito parcial e obrigatório para obtenção do grau de Licenciado em Letras, sob orientação da professora dra. Carolina Paganine, a ser defendido como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sob a coordenação da professora Elis Regina, do Curso de Letras do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente da Universidade Federal do Amazonas.

[2] Acadêmico finalista do curso de Letras: Línguas e Literatura Portuguesa e Língua Literatura Inglesa, do IEAA/ UFAM.

O objetivo específico deste trabalho é refletir sobre a formação da identidade cultural na pós-modernidade, conforme proposto por Stuart Hall (2006), relacionada ao personagem Jari, o curumim. A teoria de Hall procura mostrar uma nova visão a respeito das formas de identidade de acordo com a época em que vivemos: a pós-modernidade, o que possibilitou caracterizar os processos de transformação identitária pelos quais o personagem curumim passa. Na obra, o curumim vive um momento de conflito interior, em que ele, como sujeito, questiona o conceito de identidade nata e parte em busca de uma nova identidade em meio a uma contaminação do modo de vida urbano do colonizador.

Para tanto, é necessário entender a visão de curumim sobre sua cultura indígena no início e no fim da narrativa, pois ele era índio, mas não se via como índio, devido à influência do branco. Porém, ao mesmo tempo em que ele não se via como índio, sabia que também não era branco, e isso acarreta um conflito de "identidades culturais". Nesse processo, é importante também identificar a influência do pajé na formação do curumim, que tenta reinserir a cultura indígena nas experiências do menino.

A escolha desta temática se deu por se tratar de um assunto de grande relevância no contexto moderno, em que se observa um rompimento de antigos paradigmas culturais no convívio com outras culturas. Segundo Stuart Hall, "o próprio conceito com o qual estamos lidando, identidade, é demasiadamente complexo muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea" (2006, p. 8).

Dessa maneira, uma análise da transformação identitária do personagem Curumim pode ajudar a compreender tal conceito, pois leva a refletir sobre a indagação colocada pelo autor deste livro de literatura infanto-juvenil, isto é, como podemos, de maneira significativa, conhecer e procurar saber o que estamos, ou estão fazendo, com o curumim que existe dentro de cada um de nós. Sendo que o ponto de grande relevância dessa obra está pautado na "inquietação" do curumim, na qual está a causa da descoberta e da satisfação de reelaborar sua própria identidade e, a partir daí, seguir construindo e defendendo a identidade do seu povo, mesmo que seja agregada a outras culturas identitárias.

A obra *Apenas um curumim* de Werner Zotz traz a representação do contato entre duas culturas, as quais estão refletidas na fragmentação do protagonista, Jari. Narra seus sonhos, sua inquietação, dúvidas e sua luta para consolidar-se como pessoa que possui uma identificação dentro de uma sociedade pós-moderna e, para que isso ocorra, se submete aos ensinamentos de uma ideologia relacionada ao passado sob a companhia e a experiência de um velho pajé. O autor destaca ainda a contaminação do homem branco na cultura

indígena de uma tribo chamada quarups, da qual os dois personagens fazem parte. Cultura que ao custo de muito esforço e sofrimento contribuiu para que o protagonista da história consiga uma nova formação identitária.

Relacionado a esse aspecto sobre identidade cultural, a obra de Werner Zotz tece uma narrativa que possibilita o entendimento sobre a interferência de uma cultura sobre a outra e com isso nos mostra o quanto o sujeito na modernidade encontra-se fragmentado, tendo que lutar para conseguir seu espaço enquanto sujeito dentro dos padrões impostos por diversas identidades.

Para uma melhor compreensão a respeito da temática principal em análise, a "identidade cultural", os pressupostos teóricos estão pautados na teoria da pós-modernidade, tendo como principal referência o livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, de Stuart Hall (2006) e, também, no conceito de cultura a partir de uma contextualização fornecida pelos Estudos Culturais.

Assim, partindo da análise do livro *Apenas um curumim*, este trabalho tem caráter bibliográfico qualitativo, no qual os conceitos abordados servirão de embasamento à interpretação da identidade cultural do personagem curumim como uma identidade pós-moderna.

2. WERNER ZOTZ E *APENAS UM CURUMIM*

Werner Zotz nasceu em Indaial, Santa Catarina, em 1950. Já trabalhou como jornalista, editor, fotógrafo e, na literatura, escreve desde os anos 1970. Em sua obra completa, já constam mais de 28 livros, que transitam por vários gêneros: literatura infanto-juvenil, educação/ história, tradução/adaptações e livros de viagens-fotografias. Recebeu os mais importantes prêmios nacionais e internacionais, consolidando, assim, sua carreira de escritor. Atualmente, Werner Zotz é também editor da Letras Brasileiras, casa que publica seus livros.

Segundo informações de Andréia Alves Berto, Zotz é

> um dos escritores de Santa Catarina que mais escrevem para público infanto-juvenil, e isso desde os anos 70. É considerado um dos mais importantes escritores de literatura infanto-juvenil brasileira. Autor de obras que venderam, em seu conjunto, mais de 1 milhão de exemplares, dentre as quais *Apenas um curumim*, que já é um clássico do gênero, em sua 27º edição. (2009, p. 36)

Sua estreia na literatura infanto-juvenil foi com o livro *Barco branco em mar azul* (1978). Em 1979, lançou seu famoso livro *Apenas um curumim*, com o qual o autor já ganhou vários prêmios como o Fernando Chinaglia (1979), o Monteiro Lobato (1981), o Prêmio Brasília de Literatura (1982), o Prêmio de melhor publicação latino americana para jovens (1987) na Feira de Bolonha, Itália.

Apenas um curumim já está na 27ª edição, tendo sido ilustrado por nomes como Álvaro Borges Júnior, Jubal Sérgio Dohms e, mais recentemente, por Andrés Sandoval. A crítica Fanny Abramovich, quando do lançamento do livro, elogiou os temas brasileiros e universais da obra, afirmando que esta era:

> Uma história muito humana (na relação entre um menino e um velho), sem medo de colocar coisas vitais e fundamentais. Uma história brasileira (porque de índios brasileiros), mas universal (porque de tentativa de extermínio de um povo, de uma fé, de uma forma de crer e estar no mundo). (ABRAMOVICH, 1979/1995, p. 10-11)

Numa crítica à comemoração de 25 anos de publicação do livro, Lauro Junkes, professor de literatura da UFSC, argumenta que esta obra é tanto para o público infanto-juvenil como para o adulto, pois aborda temáticas sérias como,

> a problemática da dizimação do índio no Brasil, invectivando o sistema colonizador capitalista, questionando as aparentes certezas do discurso colonial, e substituindo-o por discurso anticolonial, de modo que a condição indígena recupere sua própria voz interior, sua consciência e sua sobrevivência como sujeito que superou a objetificação. (JUNKES, 2005, s/p)

Em décadas diferentes, ambos os críticos ressaltam as características que fazem *Apenas um curumim* ir além dos rótulos de literatura brasileira ou literatura infantil, valorizando a capacidade do texto de se comunicar com diferentes públicos e gerações e de não fugir de assuntos sérios e difíceis por ser primeiramente direcionado a crianças e jovens. É desse modo, como literatura em geral, que *Apenas um curumim* é trabalhado neste artigo.

O livro *Apenas um curumim* trata da história de um povo indígena que teve suas origens ameaçadas pelo homem branco (caraíba) e da tentativa de um dos remanescentes dessa gente (o Pajé) em resgatá-la e manter a cultura de sua tribo viva no pequeno curumim Jari. Essa tribo, que um dia foi unida e livre, acabou cedendo às ofertas, às enganações e às imposições dos caraíbas. Com o objetivo de tentar retomar suas raízes e manter o jovem índio livre dessa contaminação, o pajé leva Jari em uma viagem em busca

de uma terra em que os costumes indígenas sejam menos ameaçados, trajetória em que o pajé faz com que o curumim passe por varias provações.

A obra é constituída por narrador em 1ª pessoa, que alterna entre os dois protagonistas da história, ora narrada pelo pajé "Eu, mais o curumim. Só a gente sobrou..." (Werner, 1995, p. 19), ora pelo menino "*Eu não posso ficar assim como ele, bem que queria, mas não posso...*" (Werner, 1995, p. 23), sendo que a voz do curumim é sempre apresentada em itálicos. Essa alternância de vozes e de pontos de vista destaca o confronto do velho (pajé), que apesar de não ter ciência, carregava consigo o conhecimento necessário para saber como era ser índio no passado, e o novo (o curumim), o qual não tinha mais pai e nem mãe, e com isso encontrava-se fragilizado, sem referências de sua história, o que o leva muitas vezes a ficar entre os ensinamentos do pajé e os costumes do branco.

Na narrativa, o tempo e o espaço são indefinidos, mas supõe-se que seja em algum momento do século XX e que estejam no norte do país, devido a uma referência aos Irmãos Villas Boas (ZOTZ, 1995, p. 7). Quanto à linguagem, vê-se o uso de algumas poucas palavras de origem indígena como "caraíba" (1995, p. 14), "ubá" (p. 17), "canguçu" (p. 44) e "tupã" (p. 50).

3. TEORIAS DA IDENTIDADE

Antes de entrarmos no estudo da "identidade cultural", é importante descrever o contexto geral de seu entendimento, dentro dos estudos sobre a pós-modernidade. Segundo Terry Eagleton, "pós-modernidade é um estilo de pensamento que duvida das noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, da ideia de progresso e emancipação universais, de estruturas únicas, grandes narrativas ou fundamentos definitivos de explicação" (citado em Fernandes, 2009, p. 301). Essa quebra de certezas é fundamental para compreendermos a "identidade cultural", que questiona uma definição sólida e única que explique todas as ambiguidades da identidade do sujeito no mundo pós-moderno.

Dentro da pós-modernidade, que é aplicada à compreensão da sociedade como um todo, o termo "pós-modernismo" se refere especificamente ao campo artístico. Suas principais características são: linguagem experimental, técnicas narrativas não-tradicionais, falta de linearidade e ritmo rápido, "mescla de vozes", "inserção de fotografias, de letras

em itálico, de espaços em branco" (Fernandes, 2009, p. 302). Muitas dessas características podem ser observadas em *Apenas um curumim*, como a alternância de vozes narrativas entre o curumim e o pajé e, no aspecto temático, vemos que o livro aborda o "multiculturalismo" e um "retorno crítico à História" (Fernandes, 2009, p. 303), quando nos faz repensar no contato histórico entre brancos e índios no Brasil.

Em *A identidade cultural na pós-modernidade*, Stuart Hall (2006, p. 10) aponta três concepções diferentes de identidade em períodos na história da humanidade, são elas: o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno.

De acordo com Hall,

> O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo "centro" consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo - contínuo ou "idêntico" a ele - ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa. (2006, p. 10-11)

Nota-se que nessa concepção o sujeito era marcado por um egocentrismo, na qual este podia se ver autônomo para moldar todas as necessidades de seu universo, chegando com isso a atingir a característica do individualismo. Além disso, a identidade do sujeito desta concepção era marcada pela representação do sexo masculino, o que reforçava a idéia de sujeito unificado.

Já a noção de sujeito sociológico mostra uma crescente preocupação com o mundo exterior, como o próprio nome já diz, o sujeito se volta agora também para o aspecto social da formação de sua identidade. Para Hall,

> A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com "outras pessoas importantes para ele," que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos- a cultura dos mundos que ele/ela habitava. (2006, p.11)

Nesse sentido, esta concepção serviu como parâmetro essencial para a formação de nova mentalidade sobre a questão da identidade, pois esta passa a absorver aspectos sociais de outras realidades identitárias para concretizar a sua própria, o que Hall chama de interação entre o eu e a sociedade. Nessa interação, ainda existe um "eu real", mas agora ele se forma em conjunto com o mundo exterior, a cultura, de maneira que "a identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o "interior" e o "exterior" – entre o

mundo pessoal e o mundo público" (2006, p. 11). Mas o sujeito continua sendo possuidor de uma identidade estável, agora acrescentada da perspectiva social que fornece suas próprias identidades fixas e, assim, "a identidade, então costura (ou, para usar uma metáfora médica, "sutura") o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis" (2006, p.12).

Com o advento da pós-modernidade, que questiona as certezas impostas pelo mundo moderno, a identidade do sujeito, antes vista como inata, fixa e também moldada por aspectos exteriores e sociais que estabilizavam papéis para o sujeito, agora é percebida a partir da fragmentação, o sujeito é "composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas" (2006, p. 12).

Hall define, então, os aspectos que caracterizam a identidade pós-moderna: "A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam" (2006, p.13). Isso implica dizer que a identidade toma uma definição mais histórica do que biológica, pois o indivíduo assume determinada identidade por um determinado tempo, ou seja, em outro momento de sua vida ele passa a assumir uma nova identificação, isso porque essas identidades não são originadas a partir de um "eu" inato ou unificadas em volta de um "eu" coerente e fixo. Hall chega a afirmar que,

> A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (2006, p. 13)

Assim, como sujeitos pós-modernos, somos constituídos por uma identidade fragmentada, pois internalizamos diversas identidades e não assumimos nenhuma identidade fixa, o que dá origem a um sujeito que está sempre em movimento, que se identifica de acordo com o momento e com os diferentes contatos culturais. Complementando essa ideia, Hall afirma que "Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas" (2006, p. 13).

Baseado nessas transformações passamos a ter uma conceptualização do sujeito que muda acompanhando a evolução da sociedade moderna e essa mudança o afasta de suas

origens, acarretando uma série de transformações que possibilitaram a esse sujeito se libertar daquilo que lhe dava apoio para mantê-lo estável nas suas tradições e nas suas estruturas, pois quando estavam ancorados nessas estabilidades sociais, sem intervenção de outra identidade, aparentemente não sofriam mudanças. Com isso, considerava-se que eles adquirissem certo status, pois estes seriam conhecidos por seu nativismo social. Em relação a isso, Hall considera que "o status, a classificação e a posição de uma pessoa na "grande cadeia do ser" – a ordem secular e divina das coisas – predominavam sobre qualquer sentimento de que a pessoa fosse um indivíduo soberano" (2006, p. 25).

Nessa linha, podemos dizer que o sujeito tinha uma identidade concreta, que manteria-se fixa durante toda sua vida. Assim, os indivíduos eram moldados por uma ideologia nata, tendo que seguir os valores que sua comunidade lhes impunha, os sujeitos já nasciam dotados de ideologias e não poderiam fugir a estas regras.

Contrariando essa linha de formação da identidade, está a posição da sociedade pós-moderna, que não possui identidade fixa e está sempre em constantes transformações, isto implica em dizer que o sujeito não tem um aparato ideológico a ser seguido, ele por si só constrói a sua trajetória de vida.

Portanto pode-se entender que o conceito de identidade na pós-modernidade é uma questão para a qual não há respostas delimitadas, pois como expõe Hall, atualmente,

> em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é "preenchida" a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nos imaginamos ser vistos por outros. (2006, p. 39)

Com base nos argumentos de Hall, vemos que a identidade pós-moderna se dá na interação com diferentes momentos, culturas e até visões sobre nós mesmos, ou seja, essa "falta de inteireza" é fragmentada e não totalmente definida, pois está sempre sendo influenciada por novos contatos. Sobre isso, Kathryn Woodward (2000, p. 9) afirma que a identidade é relacional e marcada pela diferença, isto é, a percepção da identidade depende do contato com outras culturas e como as diferenças entre essas culturas são percebidas pelos indivíduos. Assim, vemos que a cultura possui um papel especial na formação da identidade, pois ela é um dos elementos que suscita as diferentes interpretações que o sujeito tem sobre si e sobre os outros.

4. TEORIAS DA CULTURA

O termo “cultura” é algo bastante complexo de se definir e muitas teorias tentam explicá-lo (EAGLETON, 2005, p. 9-50). Neste trabalho, utilizamos a abordagem dos Estudos Culturais sobre o conceito de cultura, visto que essa corrente teórica, surgida em meados da década de 1950 na Inglaterra, estuda a cultura através da história, tentando entender as transformações sociais junto com as transformações culturais. Assim, de acordo com Maria Elisa Cevasco, “se as formas da cultura se engendram *na* sociedade não se pode entender nenhuma produção cultural, seja ela a criação de um sindicato ou de uma grande obra de arte, isolada de seu chão social” (2009, p. 322) e, por isso, para os Estudos Culturais, o estudo da literatura passa pelo estudo dos modos de representação da realidade.

De acordo com Terry Eagleton, a cultura costuma ser definida em oposição à “natureza”, mas cultura implica muitos outros aspectos:

> Neste único termo, entram indistintamente em foco questões de liberdade e determinismo, o fazer e o sofrer, mudança e identidade, o dado e o criado. Se cultura significa cultivo, um cuidar, que é ativo daquilo que cresce naturalmente, o termo sugere uma dialética entre o artificial e o natural, entre o que fazemos ao mundo e o que o mundo nos faz. (2005, p. 11)

Dentro dessa perspectiva, a cultura envolve tanto o comportamento do sujeito na sociedade, como o comportamento da sociedade que influencia o sujeito. Também importante para a nossa análise é a perspectiva da cultura voltada para o interior do indivíduo, sugerindo “uma divisão dentro de nós mesmos, entre aquela parte de nós que se cultiva e refina, e aquilo dentro de nós, seja lá o que for, que constitui a matéria-prima para esse refinamento” (EAGLETON, 2005, p. 15), ou seja, além da interação com a sociedade, na cultura temos também a interação do sujeito com sua própria identidade. Nesse jogo de forças, Eagleton afirma que “se somos seres culturais, também somos parte da natureza que trabalhamos”, o que indica o vai-e-vem entre identidade, cultura e sociedade. Sobre isso, Cabral ressalta que “a cultura é um elemento essencial para a história das pessoas” (CABRAL citado em FANON, 1973, p. 42).

Pode-se dizer que um povo não existe sem cultura, uma vez que este termo pode servir também como indícios da existência de determinada nação. Desse modo, a construção da imagem de cultura está relacionada com o período histórico de determinada

comunidade, não tendo uma classificação distinta para o que possa ser de fato considerado cultura.

Explicar uma cultura não é uma questão de saber tudo sobre o passado de determinado povo, antes de saber, é necessário entender os motivos que levaram uma comunidade a se constituir de determinada forma, isto é, seus processos sociais. Para Néstor García Canclini, "a cultura abarca *o conjunto dos processos sociais de significação* ou, de um modo mais complexo, a cultura abarca *o conjunto de processos de produção, circulação e consumo da significação na vida social*" (2007, p. 41).

A definição de Canclini faz uma comparação da cultura como forma de representação simbólica, na qual, por exemplo, um objeto após ser confeccionado por determinada comunidade passa por vários processos de circulação na sociedade, como no caso de exposições, e, desse modo, uma determinada cultura está sendo apresentada por meio do símbolo, porém cada sociedade vê o símbolo que lhe é apresentado com suas próprias realidades. Sobre isso, Canclini dá o exemplo de que, "uma panela pode converter-se numa jarra de flores, uma saia indígena em toalha de mesa ou em elemento decorativo na parede de um moderno apartamento. Não há por que argumentar que se perdeu o significado do objeto: *transformou-se*" (2007, p. 42).

Assim, podemos chegar a um entendimento de que a cultura é um processo que é moldado pela variação de diferentes atividades sociais, uma atividade interage com a outra e, dessa maneira, surge o outro, ou seja, o diferente, pois os processos culturais, absorvidos pelo outro, possuem especificidades distintas, de modo que podemos entender "*a cultura como a instância em que cada grupo organiza sua identidade*" (CANCLINI, 2007, p. 43). Na seção seguinte, mostraremos como os conceitos de identidade cultural se organizam na obra *Apenas um curumim*, buscando compreender seu papel na formação do personagem Jari, o curumim.

5. ANÁLISE DA "IDENTIDADE CULTURAL" DO PERSONAGEM JARI (CURUMIM)

Na obra *Apenas um curumim*, podemos observar que Jari possui certa fragilidade identitária, tal aspecto é composto pela tentativa de impor a este sujeito culturas de dois

povos diversos. De um lado, temos o índio Pajé, Tamãi, que tenta ensinar ao jovem índio Jari os valores e história da cultura indígena. Em oposição ao ensinamento do Pajé, temos a influência do homem branco, chamado no livro de caraíba, que faz Jari contestar a cultura que lhe é ensinada pelo Pajé, causando no menino uma crise de identidade.

É sobre esses aspectos de fragilidade identitária que vai impor nesse personagem, o índio Jari, as características que a pós-modernidade propõe, ou seja, Jari é um sujeito inquieto, em conflito com suas origens indígenas e com seu presente já influenciado pelo homem branco e pela modernização da sociedade.

Podemos ver o ensinamento indígena na cena em que o Pajé mostra para Jari como é o costume dos afazeres em sua tribo. Com isso, o Pajé quer aplicar uma ideologia ao pequeno índio, visto que o velho ensina para o mais novo o que é tido como certo em sua concepção, tentando fazer com que o curumim entenda e aceite as tradições de seu povo, os quarups. É o que vemos a seguir, no comentário do curumim sobre os costumes culinários do pajé:

> *Até essa comida que ele faz... sem sal, sem panela, assim sem nada. Nem limpar o peixe, limpou. Só bateu na cabeça do tucunaré com a faca e pôs ele, assim fresquinho mesmo, no meio do fogo. Do fogo mesmo, não, que primeiro ele afastou a lenha, deixou só um pouco de cinza, depois cobriu com brasa bem vermelha. Disse que aquilo era comida, da melhor. Fiquei com nojo, bastante, nem quis comer. Mas a barriga apertou de quase doer e daí tive que experimentar um pedacinho. E não era que estava bom, mesmo?* (ZOTZ, 1995, p. 23)

Nesse processo de resgate, nota-se a persistência do pajé na luta por manter suas raízes e, assim, aos poucos vai induzindo o curumim a reconstruir sua identidade dentro da cultura indígena, a qual foi fragmentada pela contaminação do homem branco que chegou um dia e “Trouxe muitos presentes: panos coloridos, miçangas. Vieram grandes ubás, que faziam muito barulho, coisa que nunca antes se tinha visto ou escutado” (ZOTZ, 1995, p. 19), coisas que silenciaram a voz de seu povo indígena. Este ato de silêncio do índio fez com que o velho pajé, através de sua experiência, levantasse sua voz na luta contra uma cultura na qual o menino não foi acostumado como seus antepassados o foram, fator que contribuiu para o jovem índio ficar em conflito, evidenciando sua identidade fragmentada entre as duas culturas, a branca e a indígena, e os dois momentos históricos, o período antes da colonização e o pós-colonial, em que Jari se encontra.

Essa contradição entre as identidades que formam o personagem Jari é típica da época pós-moderna, porque mostra como a identidade não é mais tomada como algo natural e imutável, que Jari recebeu ao nascer. Também para Jari, sua identidade será feita

em combinação com seu passado e seu presente, uma identidade que estará sempre em processo de formação.

Embora o foco dessa análise esteja na "formação" de uma identidade cultural na pós-modernidade, é preciso mostrar também os pensamentos de Jari em relação à convivência com um dos últimos remanescentes de sua tribo que, agindo de forma tradicional, faz o menino lutar pela sua independência, representando, assim, um querer libertar-se e ao mesmo tempo um desejo de se entregar a vida do homem branco:

> *Comer essa comida e dormir no céu limpo até que a gente se acostuma. O que eu queria saber mesmo é o que vai ser de mim. Tamãi já está velho, se fico aqui com ele, logo morre também e fico sozinho. Se volto lá pra onde estão os caraíbas, Tamãi diz que vão fazer de mim um escravo, que vão me maltratar, que vou ter de trabalhar muito e nunca mais vou ser livre*. (ZOTZ, 1995, p. 24)

Conforme a citação anterior, nota-se que Jari anseia por sua independência, quer libertar-se, mas sente-se inseguro, logo depois quer continuar sua vida no meio do homem branco, porém teme ser oprimido, sem direito de ter sua própria autonomia e de conquistar a liberdade sonhada. Às vezes, o curumim prefere escutar o caraíba, por exemplo, quando diz:

> *Quiseram fazer negócio com Tamãi. Pajé fez de conta que não entendeu o que diziam. [...] Não queria nada. Só aquele riflinho flobé, que atira com bombinha pequena e pouco barulho. Dava pra matar muita caça. Queriam trocar por pele de bicho, com tanto bicho que tem por aí, ia ser fácil. Tamãi ficou quieto, olhando a lonjura. Caraíbas chamaram ele de burro, foram embora zangando*. (ZOTZ, 1995, p. 41)

Podemos observar como Jari oscila nos seus desejos e procura optar por algo que faz parte da vida do colonizador (o riflinho flobé). Na pós-modernidade, essa variação está ainda muito maior devido à imensidão de variedades existentes que são expostas ao sujeito, dificultando seu papel na sociedade como indivíduo independente e, ao mesmo tempo, esse sujeito quer se igualar aos costumes alheios.

O curumim, após muito sofrimento desde o fim do convívio com a cultura do caraíba, à qual seu povo se rendeu, até sua caminhada ao lado do pajé, sempre buscou lutar por sua independência, mesmo que em determinados momento tenha se posicionado contra as tradições da época de seus antepassados, da qual ele não tinha muito conhecimento. Mas com seu próprio esforço e os ensinamentos de Tamãi, Jari consegue superar alguns

obstáculos e segue em busca de sua identidade, apesar da "teimosia", conforme o relato do pajé:

> Curumim acha que força e teimosia são a mesma coisa. Conseguiu furar as primeiras corredeiras sem muito esforço. Essa aqui agora é que não é nada fácil.
> Dá até pra ver os músculos retesados dos braços. Decerto estão doídos. E a canoa não vai nem pra frente, nem pra trás. [...] Deixa curumim tentar sozinho mais um pouco. (ZOTZ, 1995, p. 44)

Nessa viagem para ter sua independência, que é também uma viagem de autoconhecimento, Jari se aproveita do que ainda restava da cultura de seu povo e que naquela época tinha algum significado para um dos últimos de seus remanescentes, o pajé, que lutava pela liberdade de sua tribo. Com isso, o menino se afastou da total aniquilação de sua identidade indígena, mesmo que temporariamente.

Esse tipo de atitude remete à questão da identidade cultural como um processo em constante transformação, no qual o indivíduo muitas vezes está em conflito com as diferentes forças que formam sua identidade. É justamente esse o caso de Jari, que passa a negar a identidade relacionada ao povo da qual faz parte, mas que para ele não tem sentido. Relacionado a essa transformação, Hall relata que,

> Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo – constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo. (2006, p. 9)

No curumim, tal crise se dá por meio do conflito entre a identidade "tradicional", fixa, apresentada pelo pajé e pelo costumes do branco, visto como o outro, e a identidade cambiante, incerta, contraditória que o próprio Jari sente que possui.

Tamãi, a referência identitária de Jari, procura de todas as maneiras transmitir sua cultura, fazendo com que o curumim se livrasse dos costumes e das mãos do caraíba, que explorava seu povo. Tamãi age de modo a fazer com que o menino se fortaleça psicologicamente para não se sentir inferiorizado, pois de alguma maneira o garoto sempre colocava que tudo que o homem branco tinha era mais importante do que as coisas do seu povo. O que, para o pajé, não era satisfatório: ele não admitiria que Jari vivesse como o caraíba, a citação seguinte enfatiza a visão do curumim sobre as vantagens das ferramentas do homem branco: "*A gente tem machadinha, tem facão, se quisesse usar, a ubá ia ficar pronta muito mais depressa. Eu é que não vou perguntar a ele, por que não usa*

ferramenta melhor" (ZOTZ, 1995, p. 30). No capítulo seguinte, temos a visão do pajé sobre o mesmo assunto:

> Caraíbas tem muitas canoas, e grandes. Mas caraíbas não fazem suas canoas, poucos fazem suas canoas. Canoas de Caraíbas são feitas sem amor, sem afago das mãos, sem calor dos olhos. Caraíbas usam canoas, podem até pensar que tem canoas, mas caraíbas estão enganados. O que não é feito com as mãos da gente, com amor da gente, não é da gente. (ZOTZ, 1995, p. 32)

Esse trecho mostra a visão do pajé sobre a cultura do homem branco, uma visão que passa pelas diferenças entre as duas culturas, o pajé pensa a cultura do branco a partir da sua, em que há orgulho e afeto na manufatura dos próprios instrumentos, um processo que não tem o mesmo valor no sistema capitalista da sociedade ocidental. Para Woodward, "a identidade é marcada por meio de símbolos" (2000, p. 9) e, na passagem acima, ela está marcada pelo processo de fabricação da canoa, objeto que é visto de maneira diferente pela cultura indígena e pela cultura branca, constituindo diferentes representações simbólicas da cultura, conforme apontado anteriormente por Canclini.

No início, para Jari, essas diferenças são excludentes: ele tem que optar entre uma ou outra cultura. Contudo, Jari quer na verdade ser visto como um sujeito livre, com vontade própria, e não como um indivíduo de identidade imutável, seja pertencente à cultura de seu povo ou à cultura do branco. A primeira, em vários momentos, foi considerada por ele atrasada em relação ao mundo contemporâneo e a segunda era marcada pela complicada vida do homem branco (caraíba) que, ao mesmo tempo, oferecia várias coisas consideradas modernas. Mas Jari é um indivíduo que vive na pós-modernidade e, aos poucos, ele percebe que "as transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas" (HALL, 2006, p. 25). O pequeno curumim percebe seus "vícios de caraíba" (ZOTZ, 1995, p. 47), mas, mesmo assim, vai atrás da liberdade: "*O pajé disse que ser livre é o mais belo jeito de se viver... deve ser... então eu vou pra junto do povo ainda livre, vou pra casa*" (ZOTZ, 1995, p. 57).

É com essas palavras que o livro termina, deixando em aberto o caminho que Jari ainda tem por percorrer. Podemos dizer que o caminho de formação da identidade do curumim também é inacabado, pois é um processo contínuo, sempre em transformação. O menino é, enfim, um sujeito fragmentado, convivendo com o medo e com as incertezas em uma sociedade cheia de problemas, que não respeita a multiculturalidade. Esse desrespeito é visto na situação em que o curumim se encontrava: era índio, mas não se via como índio convivia com uma cultura que não era de acordo com suas origens (a cultura do branco) e

passou a conviver com os costumes dos seus antepassados, nos quais ele não foi acostumado.

Nessa difícil constituição da identidade de Jari, o personagem Tamãi rejeita a forma de vida moderna e luta pra manter seus valores e histórias mostrados através dos costumes de seu povo indígena. É justamente esse tipo de comportamento que possibilita a formação de novas identidades. Mesmo em meio a uma grande complexidade de forças contraditórias, essa convivência do velho (o pajé) com o novo (o curumim) ajuda no surgimento de um novo indivíduo, capaz de enfrentar os desafios na pós-modernidade. O que pode contribuir para entender que essas descobertas em consonância com o passado fazem parte de um processo de construção da identidade do sujeito pós-moderno.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro do que foi exposto, podemos ver que *Apenas um curumim* apresenta uma visão crítica relacionada à questão da identidade cultural do sujeito pós-moderno, neste caso, visto através do personagem Jari, o qual é levado a refletir sobre o contato complexo entre as diferentes culturas que formam sua identidade.

Na representação do personagem Jari, vemos vários pontos que exemplificam bem a teoria da identidade cultural como proposta por Stuart Hall. A identidade de Jari está em contínua transformação, dependendo do contato com os diversos sistemas culturais e, assim, ele não possui um “eu coerente” ou fixo; ela acontece de acordo com o momento histórico em que vive o menino e não é algo biológico, tanto é que o índio tem que reaprender os costumes de seu povo; por fim, Jari é dotado de identidades contraditórias que fazem com que elas estejam sempre em deslocamento, em diferentes direções.

Constata-se ainda que no decorrer desse processo de transformação que molda a identidade do indivíduo, há a situação das interferências que ocorrem de maneira a propiciar a construção de uma nova identificação. Nesse desenvolvimento, aparece a figura do pajé que procura defender a cultura de seu povo quarups e, com o conhecimento e a experiência que tem sobre seus costumes indígenas, ele busca contribuir com o jovem índio na reconstrução de sua identidade.

Com este trabalho, inserido nos estudos sobre a identidade cultural, foi possível constatar fatores tanto na obra analisada, quanto nas teorias aplicadas, que levam o

indivíduo na pós-modernidade a confrontar-se com um mundo que se apresenta constantemente cheio de incertezas, fazendo com que o sujeito pós-moderno tenha uma identidade de caráter mutável, em um fluxo incessante de constituição de sentidos, o qual não lhe permite uma estabilidade identitária.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. Uma história de índio. Simples e apaixonante (1979). In: ZOTZ, Werner. **Apenas um curumim**. 21 ed. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1995. p. 9-11.

BERTO, Andréia Alves. **A literatura infanto-juvenil em Santa Catarina:** história, autores e importância. 2009. 52f. Monografia (especialista). Pós-Graduação em Língua e Literatura, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2009. Disponível em: <www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/00003F/00003FCA.pdf > Acesso em: 01 jun. 2012.

CEVASCO, Maria Elisa. Literatura e estudos culturais. In: BONICCI, Thomaz; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3 ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 319-325.

EAGLETON, Terry. Versões de cultura. In: _____. **A ideia de cultura**. Trad. Sandra Castelo Branco. São Paulo: Editora da UNESP, 2005. p. 9-50.

FIGUEIREDO, E. Frans Fanon e a psicopatologia do negro. In: **Construções de identidades pós-coloniais na literatura antilhana**. Niterói: Eduem, 1998. P. 63-74.

FERNANDES, Giséle Manganelli. O Pós-modernismo. In: BONICCI, Thomaz; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3 ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 301-315.

GARCIA CANCLINI, Nestor. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da intelectualidade**. Tradução Luiz Sérgio Henriques. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2006.

JUNKES, Lauro. Seremos todos curumins. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 26 mar. 2005. Caderno Variedades, Cultura. Disponível em <http://www.letrasbrasileiras.com.br/index.php/ resenha/id/77>. Acesso em: 01 jun. 2012.

WOODWARD, Kathryn. “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.

ZOTZ, Werner. **Apenas um curumim**. Ilustrações Jubal Sergio Dohms. 21 ed. Rio de Janeiro: Editora Nórdica, 1995.